



O ESTRANHO CORPO NA ANÁLISE DE DISCURSO

Mônica Ferreira Cassana¹

Pretendo trabalhar, no texto que hoje apresento, com o modo de subjetivação do sujeito transexual na contemporaneidade. A via de acesso a esse sujeito se dá através da análise de seu discurso, em condições de produção midiáticas. Atualmente, esses sujeitos, que fazem das intervenções no seu corpo – seja através de cirurgias de redesignação sexual ou injeção de hormônios – a sua assinatura, a bandeira da causa pela qual pretendem lutar, saem da marginalidade, do silenciamento e vão para a mídia, chamar atenção para a sua (trans)sexualidade.

A presença do discurso dos transexuais revela um confronto entre o posicionamento assumido por esses sujeitos e a mídia como espaço de circulação dos sentidos. Assim, saberes construídos sobre os transexuais, advindos das formações discursivas dominantes, passam a constituir – através da ilusória transparência da língua – a evidência desses sentidos para os próprios sujeitos.

Nas palavras de Courtine (2009, p. 9):

O discurso e as estruturas estavam comprometidos com o poder, enquanto o corpo estava do lado das categorias oprimidas e marginalizadas da sociedade: as minorias de raça, de classe ou de gênero pensavam ter somente seu corpo para se oporem ao discurso do poder e à linguagem, ambos instrumentos de silenciamento do corpo (COURTINE, 2009, p. 9).

A designação “transexual”, cujos sentidos estão no dicionário como “*além de, para lá de; depois de*”, servem apenas como uma instigação inicial minhas considerações a respeito do tema. Que modos de subjetivação são esses que estão sendo construídos no “*além de*” desses sujeitos? É sobre tais processos – dos processos de identificação do sujeito transexual – que pretendo desenvolver meu gesto de interpretação.

No entanto, é necessário demonstrar que a mídia exerce um recorte no discurso desses sujeitos, estabelecendo “aquilo que pode e deve ser dito” (PÉCHEUX, 2009 [1975], p. 147) e aquilo que deve ser silenciado, ocultado, posto à margem dos sentidos dominantes. Ocorre assim uma estabilização dos sentidos, que passam a fazer parte do discurso dos sujeitos transexuais, como se não houvesse espaço para a falha e para a rupertura.

A estabilização dos sentidos e a (im)possibilidade de rupertura são movimentos do jogo ideológico realizado pela mídia, que parece discutir e mostrar a questão, no entanto, segue controlando os desdobramentos desse dizer. Assim, continua delimitando o modo como tal questão

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem na UFRGS. Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Câmpus Porto Alegre.



deverá ser discutida, fazendo prevalecer alguns sentidos dominantes em detrimento de outros que possam romper com o estabelecido.

Assim, os sentidos sobre o que é ser transexual apresentam-se como já-ditos, como se estivessem cristalizados ideologicamente. Como nos afirma Pêcheux (2009 [1975], p. 146):

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146).

O discurso midiático passa a construir um imaginário que delimita os sentidos sobre a transexualidade, fazendo transparecer, no discurso dos sujeitos transexuais, os saberes que os identificam como estranhos ao seu corpo. Esses saberes se manifestam sob a forma de um pré-construído que incide no discurso desses sujeitos, solidificando os sentidos a respeito dos corpos. Na análise das sequências discursivas, o pré-construído “corpo errado” aparece naturalizado no discurso do sujeito, desvelando os sentidos que levam esses sujeitos a se considerarem estranhos em seus próprios corpos.

[SD1]

Não levava esses conselhos a sério, sempre fui tímida. Também tinha o fato de que eu precisei de muito tempo para me aceitar como transexual. Não foi fácil aceitar que eu nasci no corpo errado. (Veja, 04/05/2012)

A SD1 faz parte de uma entrevista como uma modelo transexual à revista *Veja* é a resposta da modelo à pergunta feita pelo sujeito-entrevistador “Por que você demorou tanto para se decidir?”. O uso do verbo “decidir” pelo sujeito-entrevistador já serve como delimitador dos sentidos, pois indica uma concepção binária dos corpos. O verbo “decidir” usado intransitivamente – sem nenhum complemento ou modalizador – revela os sentidos dominantes sobre a transexualidade por parte do sujeito que conduz a entrevista: ser transexual é uma escolha de ordem consciente por parte do sujeito. O uso desse verbo esvazia os sentidos que se podem construir a partir do discurso desse sujeito, transparecendo que a transexualidade é uma questão de escolha e não um modo de subjetivação.

O uso do verbo “aceitar”, que aparece duas vezes nessa sequência, revela a posição desse sujeito quanto à condição do seu corpo. Os sentidos de “aceitar” indicam a contradição entre a posição que esses sujeitos desejam assumir e a posição dominante, que os vê como estranhos ao ideal de corpo certo, propagado midiaticamente. No enunciado “Não foi fácil aceitar que nasci no corpo errado”, a negação, o uso de verbo “aceitar” e o pré-construído “corpo errado” são as marcas da língua que revelam a angústia desse sujeito desejante, que quer marcar



sua posição, e o assujeitamento à ideologia dominante, fazendo com que haja um sentido de conformidade subjacente a esse discurso.

[SD2]

Eu sempre fui mulher, mas estava fugindo disso. Nunca fui homem, só fui por fora. Eu tentei fazer o papel que a sociedade esperava de mim: ser um homem. Mas eu nasci no corpo errado. Eu antes tinha amigos, família, trabalho... Eu perdi tudo isso, mas ganhei minha identidade. (O Globo, 17/03/2012).

A SD2 também faz parte de uma entrevista de um sujeito transexual, constituindo-se como a resposta à pergunta feita pelo sujeito-entrevistador: “Você está feliz com a mudança?”. A pergunta do sujeito-entrevistador também, a exemplo da SD1, supõe a transexualidade como uma opção do sujeito e não como uma condição para a construção da subjetividade.

O pré-construído “corpo errado” aparece nessa sequência como um elemento dado, pelo qual o sujeito constrói o seu processo de subjetivação. Ser um homem para o sujeito é apenas desempenhar um papel socialmente, já que afirma ter sido sempre uma mulher. Nessa sequência, parece haver a limitação entre o que são os corpos certos (homem e mulher) e o corpo errado (transexual). Dessa forma, o sujeito deve mudar seu sexo e seu corpo de forma a aderir ao corpo certo e, dessa forma, “ganhar” a sua identidade.

Novamente, há uma angústia desse sujeito em se encaixar nos papéis criados ideologicamente para homens e mulheres. No enunciado “mas nasci no corpo errado”, a conjunção “mas” parece expressar a falha desse sujeito em romper com o esperado socialmente. No entanto, é essa falha, o ponto de irrupção do real da língua, que demonstra a resistência desse sujeito, que se constitui justamente ao se desidentificar com aquilo que é esperado.

O discurso dos sujeitos transexuais, nas condições de produção analisadas neste trabalho, é construído entre silenciamentos e excessos de dizer. A situação desses sujeitos é paradoxal, porque constroem seu discurso em um lugar à margem do estabelecido, fundando uma posição intermediária, em que não necessitam ser homens ou ser mulheres para se constituírem como sujeitos.

O discurso midiático atua no represamento dos sentidos entre os sentidos da formação discursiva dominante e a posição assumida pelo sujeito transexual. O pré-construído “corpo errado” migra de uma formação discursiva para o discurso desses sujeitos e aparece como um saber do sempre-já-aí da interpelação ideológica. “Nascer em um corpo errado” evidencia um sentido de normalidade e de naturalidade. Não é natural (é, portanto, estranho) nascer em um corpo que está errado.

O pré-construído “corpo errado” é uma expressão que configura uma ideia de corpo descolada da subjetividade, ou ainda, evidencia uma ruptura entre corpo e sujeito, a partir de uma concepção que vê o sujeito preso ao sexo biológico. Aqui, portanto, cruzam-se os sentidos de submissão ao corpo e a ideia de que o corpo define a subjetividade.



Além das expressões, que são tomadas pelo sujeito e deixam transparecer uma posição-sujeito que adere a esse saber dominante, os verbos de dizer e o discurso direto, marcas da entrevista e da reportagem jornalística, são utilizados pela mídia para atribuir a responsabilidade dos sentidos ao próprio sujeito. Isso significa que a mídia se exime da responsabilidade de dizer que esses sujeitos não são considerados “normais”. Essa operação faz que com que os sentidos sejam vistos como evidentes para o leitor. Esses sentidos conseguem, em um nível linguístico e, também, ideológico, cristalizarem-se e manter a noção de que a transexualidade é uma patologia, um desvio, reforçando os sentidos do estranho a esses sujeitos.

Pêcheux diz que não há ritual sem falhas. No discurso do transexual, é justamente ao identificar-se com o estranho, com o que não é da ordem do comum, que o sujeito marca a sua resistência e constrói seu modo de subjetivação. É na falha da interpelação, que não consegue carimbar esses corpos como corpos de homem ou corpos de mulher (como os corpos que talvez sejam os considerados certos), que irrompe uma nova posição que luta para se marcar historicamente. O corpo – errado, estranho, fora do normal – passa a ser, junto com o discurso, a marca da resistência aos saberes dominantes e a brecha por onde esses sujeitos passam a constituir seu processos de identificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean-Jacques Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MITTMANN, Solange. *Funcionamentos discursivos de saturação e omissão na notícia em rede*. In: Organon, Porto Alegre, nº 48, 2010, p. 165-181.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

Reportagens analisadas:

Capitão da marinha que virou mulher diz: “nasci no corpo errado”. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/capitao-da-marinha-que-virou-mulher-diz-nasci-no-corpo-errado-4336283.html>. Acesso em 16/09/2013.

Carol Marra: “não foi fácil aceitar que nasci no corpo errado”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/nao-foi-facil-aceitar-que-eu-nasci-no-corpo-errado>. Acesso em 16/09/2013.